

# CU É LINDO, CAPÍTULO 3: A CURA GAY, VERSÍCULO 8: A EMOÇÃO DE LIDAR (2015)

Vivência em movimento de Kleper Reis

Personagens

C

U

*(casa de C ou, talvez, casa de U ou, quem sabe?, na casa dos dois)*



CU É LINDO, CAPÍTULO 1: GÊNESIS, VERSÍCULO 4: SENTIMENTALIDADES RUPESTRES | 2013 |

Junto ao projeto EU AMO Catumbi | RJ | Foto: Igor Abreu

C – *(firme)* Pode começar.

U – *(na posição de pantera negra)* A fé na vitalidade. No que a força da vida tem de mais exuberante, (se jogando na terra, milanese) eu quero. Quero as fezes aleitando a terra e as sementes germinando o novo amanhecer. Quero a grama verde, os frutos coloridos e as flores e as rosas que nascerem desta terra, bem celebradas, no estar em vida real, a união do fausto com o infausto. (dançando entre as plantas e arrancando uma rosa) Quero o transbordamento dos afetos conatos, criando estratégias de fuga do medo que paralisa os sonhos, do desespero que isola e da esperança que de tão romântica nunca se realiza, espera.



CU É LINDO, CAPÍTULO 4: PEDAGOGIA DO CU, VERSÍCULO 3:

COMPOSTAGEM | 2015 | RJ | Foto: Renan Reis

C – (*querendo provocar grita*) Como você realiza isso?



CU É LINDO, CAPÍTULO 1: GÊNESIS, VERSÍCULO 4: SENTIMENTALIDADES RUPESTRES I  
CASA 24 I 2015 I Foto: Kleper Reis

U – (*em pé comendo pétalas de rosas vermelhas e adorando*) É preciso extrair potência da fertilidade do Cu para transformar os afetos tristes mais densos e sombrios em alegria, afeto artístico-político. Deixar as súbitas expressões interiores transformar-se em matéria concreta criativa. Alguns chamam isso de obra de arte, eu prefiro chamar de acontecimentos cênicos ou artesanato íntimo.

C – (*tocado*) É muito sensível isso que você faz!?

U – (*sentindo pingos de chuva*) É trabalho de investigar a dor aliado ao ofício de tradutor-artesão com fortes características de inventor. É preciso força, resistência e determinação para transmutar o ódio em amor!

C – (*correndo para a varanda*) Sai da chuva!



CU É LINDO, CAPÍTULO 6: ATIVISMO, VERSÍCULO 1: O AMOR É UM ESTADO QUE SE MANIFESTA I 2015 I

Madrugada na Lapa I RJ I Mão de uma menina que chora amor I Foto: Kleper Reis

U – *(sai correndo em direção a rua)* (C senta na varanda e U passeia pela rua. Depois de algum tempo U retorna para a casa)

C – Você não quer se secar?

U – *(pulando)* A chuva acabou e com ela foi

a minha vontade de fugir, mas fico sempre

sem saber... *(ingenuamente sedutor passa*

a mão pelo corpo como quem quer se secar) acho que sempre tive um pensamento épico... repleto de honras, promessas, lembranças e histórias. *(breve silêncio)* Sinto uma força amorosa tão fecunda!

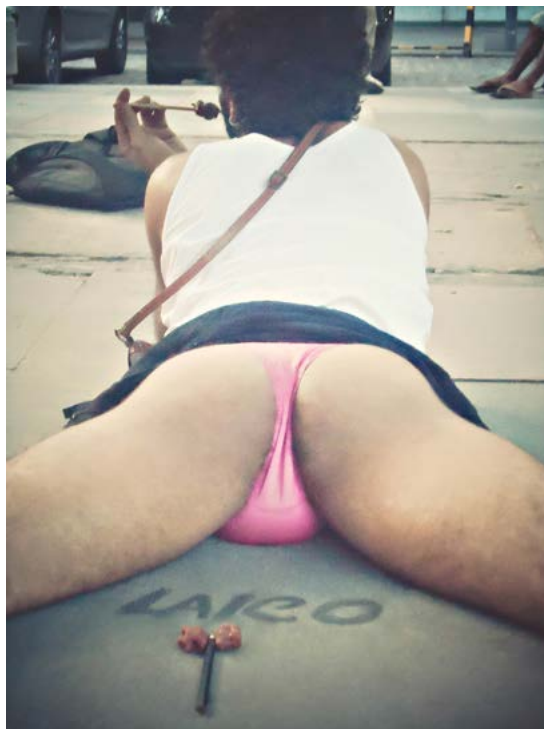
C – *(olhar singelo e sorriso escarlate)* Posso ver no brilho dos teus olhos.

U – *(tremendo de frio)* Você vem comigo?

C – Pra...

U – *(seguro e picante)* Pro que der e vier! Com absoluta liberdade da palavra, até onde for possível a gente chegar.

C – *(explodindo de medo e alegria, sorrindo muito)*



CU É LINDO, CAPÍTULO 3: A CURA GAY, VERSÍCULO 4: CU É LAICO OU A RABADA DO SENHOR:  
PORQUE QUEM NUNCA COMEU UM RABO NÃO SABE O QUE ESTÁ PERDENDO | Sexta-feira da Paixão | 6 de abril de 2012 | Praça XV | RJ |

Parceria com Cassia Lyrio | Foto: Rogério S. Snatus | Edição: Adelaide Abreu

U – *(como um velho sábio exercitando sua lua cheia)* É só o amor. Vamos falar do amor que brota sem pedir licença para nascer. *(vigoroso)* Do amor potente que nem as plantas que nascem nas frestas dos muros e entre os paralelepípedos da rua. Daquele que mesmo sem a gente ver, nos sentimos bem em cantar.

C – *(engasgado de excitação)* Isso me faz forte!

U – *(fascinado)* Podemos pegar giz ou tijolo de construção e rabiscar as paredes com versos e o chão com estrelas, bem ali onde a chuva apagou... *(como quem fala para ninguém)* acho que estou gostando de alguém!

C – *(frenético)* Quero.

U – *(rápido)* Tenho giz colorido lá dentro e o tijolo a gente arranca um pedaço do muro.

C – *(indo pegar o giz)* Pega o tijolo que eu pego o giz. *(C vai para dentro da casa)*

U – *(subitamente grita)* Espera!?! *(em um impulso se aproximando de C, um pouco tímido)* Posso ver os seus olhos? *(se aproximando ainda mais)*

C – O que foi?

U – *(quase sussurrando)* Quero me ver em você e você em mim. *(com os hálitos quase se entrelaçando e olhares na mesma direção)*

C – *(com uma voz singela)* O que você pensa sobre o amor? O que é pra você?

U – *(em um súbito rompante de entusiasmo)* Eu-nós-corpo se percebe amando.

C – Eu-nós-corpo?



CU É LINDO, CAPÍTULO 3: A CURA GAY, VERSÍCULO 2: O HASTEAMENTO DA BANDEIRA OU VERÁS QUE UM FILHO TEU NÃO FOGE A LUTA !

Junto ao Coletivo Teatro de Operações | Rio de Janeiro | 07 de Setembro de 2012 | Foto: Ângela Bonolo

U – O amor é um estado que se manifesta, afeto-sentido. Sentido de vida que simplesmente se manifesta na diversidade, nas infinitas possibilidades de estar e ser, na autopoiese. . . uma vida que se cria continuamente a si própria e em relação com o outro, seja ele animal, mineral ou vegetal. Uma vibração que emerge do ventre do universo e faz trepidar o corpo livre nas profundezas do ser, puro movimento. Não sei. Sinto. Não escolho. Me percebo amando. Simplesmente acontece.

C – *(senta no batente da porta com ar de pensativo)*

U – *(completamente apaixonado)* Eu me reconheço como um microuniverso, como uma subjetividade, um indivíduo com uma identidade. Sou protagonista de mim. . . tento ser. Isso tudo simultaneamente a noção de estar contido no universo. Por isso o nós. Eu sou você e você sou eu. Eu sou tudo e o tudo sou eu. É a tradução da experiência da epifania da unidade, do yoga, da energia cósmica universal. Junto a tudo isso o corpo, eu-corpo-alma, integrado e manifesto, na inter-relação de muitas consciências-inconsciências que juntas formam essa pele, olhos, lábios, sangue, pelos, suor, saliva, vísceras. . .

C – *(querendo se convencer)* O amor é algo que acontece no todo visível e invisível, sem regras e morais, sem as noções de público e privado, sem dogmas religiosos, sem códigos de leis. . .

U – *(cuidadoso)* Sim. É sentimentalidade rupestre. É muito antigo. O amor pode ser encontrado em todos os vestígios, no fóssil!

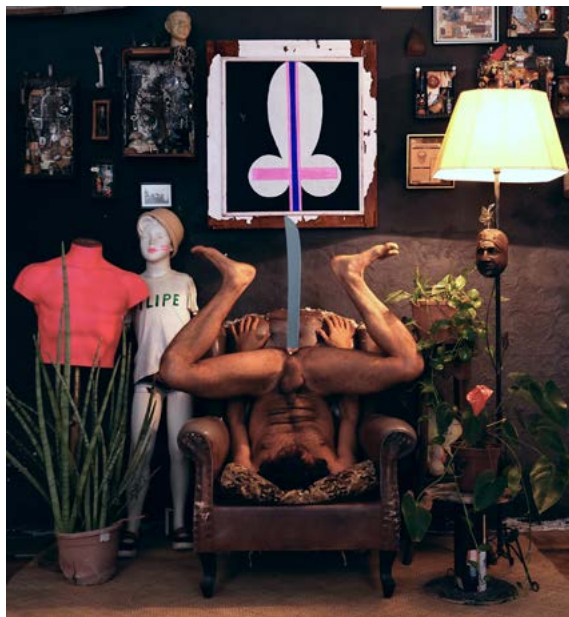
*(olham-se profundamente)*

U – *(rápido e afirmativo)* Pega o giz na estante amarela do último quarto. Depois pule a janela que você vai me encontrar.

*(U corre em direção ao quintal e C corre para dentro da casa. U começa a quebrar um pedaço do muro e C fica parado olhando para U da janela)*

C – *(grita)* Cuidado para você não se machucar.

U – *(olha para C rindo e volta a quebrar o murro)* O amor é um estado que se manifesta! O amor é um estado que se manifesta! O amor é um estado que se manifesta!  
C – *(pega o giz e pula com certa dificuldade a janela e derruba todo o giz no chão e cai)*  
U – *(corre em direção a C)* Você está bem?  
C – *(gargalhando)* Sim!



CU É LINDO, CAPÍTULO 3: A CURA GAY, VERSÍCULO 7: BASTIÃO – A HISTÓRIA DE UM CABRA DA PESTE  
CASA 24 | 2015 | RJ | Foto: Renan Reis

U – *(se joga no chão e começa a gargalhar também)* *(C fica de pé, pega um giz amarelo e um branco, corre para a parede e escreve: o amor é um estado que se manifesta. U fica olhando e depois corre e escreve: C e U, juntos, é lindo!)*  
C – *(nervoso)* A paga isso! Apaga. Ninguém pode ver. *(U fica parado olhando para C. C anda em direção as escritas de U e começa a apagar. U abraça C)*  
C – *(grita)* Me solta.



CU É LINDO, CAPÍTULO 2: PONTO G – ROUBOS, TRAPAÇAS E PRIVATIZAÇÕES, VERSÍCULO 1: PÉROLAS – AO SE TOCAR NO CU O TODO É ALTERADO | 2015 | Foto: Renan Reis

U – *(fala amoroso)* A sociedade é trágica, mas ainda temos a oportunidade, com a força de nosso afeto, de mudar o mundo. *(terno)* Amoo!r-paixã *(C chora nos braços de U. Depois de um curto tempo, C anda em direção à varanda e U vai atrás)*

C – *(adocicado, mas ainda assim amargo)* Segura na minha mão. *(U anda ligeiro e pega com sua mão direita a esquerda de C. coloca o dorso da mão esquerda de C na altura de seu coração. faz o mesmo procedimento com a outra mão, só que o dorso de sua mão esquerda fica na altura do coração de C. breve silêncio)*

U – *(singelo)* Respire profundo com os olhos bem fechados e leve toda a sua atenção para o coração. *(baixinho)* Sinta o ritmo... As batidas dos nossos corações. *(C e U ficam em silêncio. ouve-se sons de corujas e gatas no cio. C tenta sem sucesso se desgarrar de U. volta a chover forte e os ventos umedecem os corpos de C e U. C volta a chorar, denso e profundo)*



CU É LINDO, CAPÍTULO 3: A CURA GAY, VERSÍCULO 6: POSSO, COM AMOROSIDADE, REBELAR-ME? OU A INSURREIÇÃO DO CU É LINDO  
OU CURAÇÃO VERMELHO | Praça Monte Alegre | RJ | Foto: Renan Reis

C – Me sinto um intocável. Por quê todos me usam e depois me jogam na invisibilidade. *(meio gago)* Me tratam como se eu fosse o ápice do nada. *(igual a uma diva decadente)* Baixo. Abaixo dos marginais. Mais baixo que o submundo. *(sufocado)* O sangue coagula com a marca da abjeção. Dentre todos, eu sou o pária e não posso aceitar esta condição.

U – *(persuasivo)* Você tem certeza? Podem ser seus...

C – *(convicto)* Não falo de alegorias e nem de modismos.

*(silêncio. C abraça forte U)*

U – *(acalantando)* Medite no amor. Na potência amorosa capaz de romper todas as amarras que controlam nossos afetos, desejos natos e vontades coloridas. Pense na doação desinteressada. *(silêncio)* Força, resistência, criatividade e doação.

C – *(entre lágrimas e soluços)* Vejo uma tempestade sem fim. Clamores ardentes e nefastos que atazanam minhas memórias, não me dão trégua. *(soltando as mãos de U e desmoronando no chão. Grita socando as mãos no chão entre o desespero e a revolta).* O que eu faço com isso? O que eu faço com o que fizeram de mim?

U – *(um pouco agitado)* Tenha cuidado com suas mãos. Clame chamando as forças autocurativas. Grite pelo cuidar de si.

C – *(silêncio. olhando para as mãos e em seguida se abraça vorazmente)* O que eu faço com essas marcas? O que faço com minhas lembranças? *(em um súbito rompante de calma)* Preciso confessar que não estou muito bem-bom. Não vejo terra, só oceanos e mais profundezas. *(entre soluços)* Faltam boias... Vejo cidades submersas... de onde eles. *(agitado)* Ando preocupado comigo mesmo. Não tenho comido direito e estou ficando sem cor e com os ossos a vista...  
 U – *(tenta falar para C tomar banho de sol, mas não consegue)*  
 C – *(abandonando)* Sem fome... não gosto do que tenho por perto. Tudo empacotado, tudo congelado, tudo cozido.  
 U – *(tenta se aproximar de C mais não consegue)*  
 C – *(tênue)* Estou com o coração inflamado e não sei o que fazer com isso. Não existem anti-inflamatórios para o coração. As drogarias só vendem veneno. *(com um leve sorriso amarelo cor de catarro)* Nem sei se ao menos um único mortal conseguiria amparar o vazio e a febre que me foram impostos. *(levantando)* São tantas ilusões. Não vejo ao certo, mas acho que estou no meio de uma crise e preciso vivê-la com toda a minha intensidade. *(abraçando U e falando bem baixo no pé do ouvido)* Não sei se o que vejo é real ou sonho. Não sei se você existe. Por isso me tranco. Prefiro ficar no quarto para não ter reféns. *(perdido em lágrimas)* Muitos trânsitos, muitos fluxos, muitas intensidades. Terremoto que craquelou minha pele. Quase que num passe de mágica sou outro e cansa ter que recomeçar. *(vai até a parede e escreve, com os dedos, C e U, juntos, é libertação)*



ENCONTROS - A REVOLUÇÃO COMEÇA NA COZINHA E CU É LINDO | Broto de Girassol | Pequeno Agricultor Urbano | 2014  
 Santa Teresa | Rio de Janeiro

U – *(senta no chão. manso)* Suas lágrimas são pétalas transparentes. Unidas elas formam um rio que rega extensas plantações. Sem você, toda a colheita estava arruinada.  
 C – Estou completamente devastado. Mataram a minha mulher.  
 U – Como assim?  
 C – De tanto que me bateram, mataram a mulher que nasceu aqui. *(alisando seu próprio corpo)* A lucidez é terrível, uma aventura das febres. Preciso suportar este corpo morto e ter forças para ver o amanhecer. *(em pânico)* É um verdadeiro genocídio, matam a mulher nos corpos dos homens, matam o homem nos corpos das mulheres. *(gritando)* O que fizeram comigo quando eu era criança foi femicídio masculino.  
 U – Femicídio masculino!?  
 C – *(sentindo o coração bater na garganta)* Preciso falar desta dimensão do femicídio! *(forte e extremo)* Onde quer que a mulher apareça, ela é massacrada. *(aversivo)* Quando nasci olharam para meus contornos e me impuseram a marca homem. *(tristesse)* Só que quando fui crescendo o que se manifestava era o oposto. Sempre me senti diferente disto. Nasci uma outra possibilidade, mas eles só conseguiam enxergar homem-pau e mulher-buceta. *(altivo)* Não é necessário

ter uma vagina para se sentir feminino. Nasci uma mulher de pau. (baixinho) Mataram...

U – (sumário) Logo quando um dito homem existe com um outro modo de ser, mulher de pau, sua existência feminina é açotada e muitas vezes assassinada. Mas isso não é homofobia ou transfobia?

C – (resoluto) A cultura do ódio a mulher se manifesta através de inúmeras violências e assassinatos, morte material e imaterial. (preciso) Morte física e simbólica. Existe algo que é específico. Não sei ainda. Não encontrei uma forma melhor de falar. Mas é diferente. Não é homofobia. Não é transfobia. Minha mulher foi morta e por isso hoje é impossível transicionar. Você entende? É disso que quero falar. Conheço também pessoas designadas mulheres ao nascer que tiveram seu homem morto. Você consegue entender? Como falar disso? Como falar deste corpo construído?

U – (*pensativo*) Matam a mulher no corpo do homem... Femicídio masculino... (*silêncio*) Estou alcançando.

C – Dentro da lógica estabelecida só existe a figuram do homem e da mulher, nada pode desviar disto. O que desvia é aberração. Doença! Precisa ser tratado. (*sofrido*) Isso que está na sua frente não é um homem. É uma construção de homem. Se hoje você ouve esta voz grave é porquê fui levado a uma fonoaudióloga que me ensinou a falar como homem. (*lembrando aos prantos*) Levei muita porrada para deixar de ser delicadinho. (*taxativo*) Você está me entendendo?! Um homem não nasce um homem, ele se torna um homem. (*em um ímpeto de fúria*) Quem dizia o que é certo para mim quando eu era criança? Quem tomava conta do meu pequeno corpo? Bateram, excluíram, até domesticar, matar, aquela existência na tradição da falsa natureza.

U – (*doce*) Você tem certeza que sua mulher está morta? Lembre-se que no sétimo dia aconteceu uma ressurreição. Lembre-se da autopoiese, da força do encontro da semente com a terra úmida, do óvulo com o espermatozóide, das minhocas...

C – (*sem ouvir U*) O que sinto é urgente, a força das noites selvagens. É quase insuportável ter que me manter escondido de mim e dos outros. Não quero que vejam o quanto estou sangrando. (*como galinhas em pânico na fila do abatedouro*) As memórias não dão trégua. Furiosas. Ventos de lavas construtoras de estátuas. (*com o olhar atônito*) Outro dia pensei em pôr fim a isso tudo.

U – Ontem, eu pergun...

C – (*cortante*) As imagens dos que amo sempre passam por perto de mim e me demonstram o quanto sou amado por muitos e isso me faz mudar de ideia.

(*pausa. Olham-se densamente. C vai em direção a um pé de acerola, arranca alguns frutos verdes e come*)

U – (*se aproximando de C*) Lembra que um dia você me contou a história do primeiro ator?

C – (*surpreso*) Lembro, mas quem sabe se ele foi realmente...

U – (*incisivo*) Isso não importa. Fiquei imaginado aquele momento e pensando na potência criadora do Téspis. Pra mim ele foi o primeiro performer.

C – Para de inventar...

U – (*bem apaixonado e crespo*) Exijo o direito ao delírio, ao sonho! O direito de imaginar!

C – (*dá um sorriso amarelo limão*) Você é inimaginável mesmo.

U – (*acreditando ser Téspis*) Fui sim o primeiro performer. Quando todos dançam e cantavam, eu subi em cima de uma coroa e gritei: eu sou Dionísio. Todos a meu redor olharam para mim e acreditaram. Foi nesse momento que tudo começou. (*chateado*) Agora, eu preferia ter sido o primeiro palhaço. Um grande bobo da corte.

C – (*rindo profundamente*) Você é um sol, uma Ostra cheia de pérolas.

U – (*rindo amorosamente*) Adoro me contar. Me despir. Que nem meu avô pescador. A arraia gigante.

C – (*circunspecto*) Conta de novo a história da ostra?

U – (*como um contador de histórias bem histriônico*) As ostras são pessoas não humanas que vivem pelos mares. Quando algum corpo estranho, como grãos de areia, pedaços de coral ou rocha, penetram no seu interior, provocam-lhe...

C – (*em uma excitação incontrolável*) Faltou os vermes! (*febril*) Os vermes que parasitam a seiva do corpo criativo. Roubam. Privatizam. Acordam as sombras e trapaçam proclamando a invisibilidade. Desejam apagar as memórias e afetos num gesto capital. Usam da palavra livre em um contrassenso intelectual para justificar o plagi...



U – (*cortante. demonstrando bravura*) Quando alguma coisa estranha acontece. (*grita desesperado*) Vermes terríveis penetram no seu interior, provocam-lhe enorme incômodo por lhe machucar e inflamar. Incapazes de expulsar estes invasores, elas, as ostras, constroem as pérolas! (*em um tom de profeta da ressurreição*) Aqui, na minha frente, vejo uma pessoa não humana...

C – (*enérgico*) Para!

U – (*sem ouvi-lo*) Que pode pegar os vermes invasores, os fascistas, os homotranslebosfobicos...

C – (*aos gritos*) Cala a boca! Cala a boca!

U – (*forçando e rápido*) E as pedras do sapato provocadores de afetos tristes, inflamações do coração e tempestades de noites selvagens e transformá-los em fabulosos acontecimentos cênicos ou artesanatos íntimos.

C – (*no seu espanto*) Tenho medo! (*confuso*) Não sei lidar com minhas dores e traumas!

U – (*vivamente doce*) As leas saem para caçar. Os assombros viram as armas da infantaria amorosa.

C – (*aceitando e interessado*) Como assim?

U – (*destemido*) Reelabore suas narrativas. Faça de sua fragilidade sua capacidade de resposta e colocação no mundo! (*apaixonado*) Podemos falar de nossas dores, de nossos traumas, dos complexos, das marcas que se podem ver e das que ficam escondidas, das memórias como feridas que nunca sararam.

C – (*baixo*) Não sou capaz!

U – (*firme e delicado*) Sua crença pessoal é sua crença pessoal. Se você acha que não é capaz você não será capaz!

C – (*querendo acreditar*) Inclinação para o labirinto.

U – (*idêntico a cantigas de ninar*) Superar as dores e trauma através da potência criativa manifestada na arte e na auto-poiese. (*altivo*) O que realmente importa é como nós acolhemos os acontecimentos.

C – (*nascendo entre mundos*) Identificar os pensamentos com as ações. Afirmar na vivência a revolução. Concentrar-se nos movimentos que geram a mudança, a novidade que buscamos. Sair da ação crítica e fortalecer a ação afirmativa no cotidiano.

U – (*quase que se despedindo*) Se crie como você cria o cocô que fertiliza a terra e produz o seu alimento.

(*ouve-se cantos de pássaros. vê-se os primeiros raios do sol*)

C – (*fala baixinho*) O sono quer me pegar.

U – (*semelhante a uma mãe dando de mamar para seu filho em praça pública*) Depois vou te contar o que é autodesescolarização, você precisa arrancar pela raiz esta dominação que foi imposta a você. (*C abre e fecha os olhos*) Também vou te contar sobre a autoarteterapia e a revolução começa na cozinha.

C – (*posterior à realidade e aparentando a fome de um recém-nascido. Alisa a barriga*) Está reclamando.

(*C e U ficam em silêncio*)

U – (*nos pensamentos e olhando para C*) A cura gay é a emoção de lidar com a ignorância da sociedade. A emoção de lutar pela livre manifestação afetiva! (*sorrindo de alegria vai para a cruzinha e sussurra*) Na vigésima primeira década de chuva abri as portas do meu armário e deixei o sol entrar, (*pegando maçãs*) a cura gay.

(*C dorme e U vai colher brotos de girassol e grama de trigo para o suco de clorofila*)

(Fim do primeiro movimento)

Memórias: Adélia Prado, Nise da Silveira, Renato Russo, Ana Thomaz, Indianara Siqueira, João Nery, Terrapia, Geraldo Azevedo, OcupaRio, Antonin Artaud, Humberto Maturana, Francisco Varela, Simone de Beauvoir e uma vida de encontros com o outro, seja ele animal, mineral e vegetal.



yes, eu tenho buceta. to-tal: invento corpos. qualquer organismo q n seja fixo.

Gozo na minha. Gozo na minha, cara. Gozo na minha cara. [repetido N vezes na batida do funk]

Soul desmontável. Trans-montagem. Provisório Corpo.

Pra n sermos quase nada nunca que é ser tudo ao mesmo tempo. Oitavo Sexo, Terceiro Milênio.

Faz é tempo era uma vez escrevia numa lógica linear exemplo discursivo como avaliação mas é tanta possibilidade perdida q n cabe nesse escrito e n quero q caiba me deletei nas probabilidades d uma escritura para acabar-começar com a escrita galáxias pomba geram exus e agora pinto a unha d um vermelho aberto e forte e com o mesmo tom pinto letras em um caderninho

ISTO é MEU CORPO ISTO MEU é CORPO

em letras vermelhas em um caderninho

contra todo argumento q atribui ao ser humano qualquer natureza-essência na esfera da produção de si da produção de signos vir a ser destravando todos nós virá que eu vi do ponto de vista sexual: livre das amarras normatizadoras experimentando desejos costurando na carne fios soltos multicolores & transparentes n quero nada q venha com grades genéticas nem hereditárias n quero grades qual a diferença entre o charme e o funk? quero a diferença novas formas para mutáveis interesses a contradição o paradoxo essa beira de abismo o mesmo corpo gerando 1001 possibilidades quero essa possibilidade perder-se para n achar nada achando tudo presença presentificação n quero coro quero coletivo gritando suas singularidades compositivas com posição d inúmeras vozes quero vozes parálem ode ao movimento ao trânsito à indisciplina travessuras escancaradas despachadas desprovidas d pudores mil manter a criança perto da

gente um mundo sempre a descobrir um dia assim um dia assado tinindo mil grau overdoses d experiências d saliva e suor livros q atravessam a vivência e a produção e só assim e sem essa d modernidade líquida fluidez é vida com-tatos profundos manter o q interessa afeto co labor ação o q faz sentido no momento e na vida esperta desperta e se livrar do peso da obrigação do obrigado ok cintia me pergunta qual o sentido da vida leminsky atrai: só buscar o sentido faz sentido e prefiro escrever assim q tb é corpo-signo desse jeito sem pontuação pra q vc invente a sua reverte a suposta falta de lógica qual o sentido da escrita sheila corresponde e deixa uma abertura sempre inacabada agora chove aqui fora e o líquido escorre pelas ruas o q traz vcs ficcionalmente pra perto da sala escura onde escrevo agora 2:43 da madrugada boladona e de buceta ouriçada para o futuro assisto uma foda mediana entre 2 homens trans no queerporn.tv e digito na busca do xvideos a palavra crossdressing e sinto q n gosto d nomenclaturas e me incomoda tal romantismo exagerado em certas canções tudo sempre a dois a dor chorar a perda e sentir saudades banindo o excesso emocional deixando agora ele vir esse papo d monogamia matrimônio repetição de eventos heteronormarchas ai que dó da formiguinha sede de invenção com toque com afetividade mas sem identificações com tudo tem as bill liberta pq o cu é delas e elas d o pra quem elas querem multiuso por opção ai delicia ai ai delicia e o discurso asséptico médico precisa servir pra distribuir camisinha e formas d prevenção d resto n temos q dar temos q distribuir qualquer prótese plástica q produza prazer quero verde novo a luz da lua sailormoon em mim waly tão perto

ga31 recita: a moda e os jogos sexuais q eu jogo do começo ao fim

dance dance dance dance dance dance dance dance + uma vez  
dance dance dance dance dance dance dance dance  
eterna mente  
dance

Yuri Tripodi

“a abertura casta e profana de onde brotam desejos  
expele feridas abertas pelo tempo, elemento vivo que  
se apropria da imagem, reconstruindo-a através das  
perdas produzidas pela umidade santificada do baixo  
ventre.”

